

Sete poemas

Rose Angelina Baptista

Das palavras portuguesas

Chama-me por palavras quando vão conjuntas
duas línguas a cada monção do entre-saia do Tejo.
Palavras que só vivem
enquanto se fala a língua.
Palavras mareantes doutras Nações
que se tornam tudo para todos.
Palavras de dicção peregrina
e hábitos pardos
de quem se despiu a sujeitar-se
às leis duma nova terra.
Chama-me por palavras de feição amena,
suave como espuma, com cheiro de caju
e gosto de ananás, goiaba, papaia.
Palavras do popular idioma pátrio
ipsis literis et sensu.
Peixe bigodeiro, pássaro de sol,
flor de sapato, bicho de palmeira,
bailéu, pano pintado,
pedra de sol, cobra cuspideira,
fruta estrelada, lagarto d'água,
enjangado e pagodento.
Pra quê esse desmascarado desprezo
pela certidão dum vocábulo estrangeiro?
A língua, quiçá, escrevo sem corrupção
do protótipo ao se pronunciar.
Chama-me além das inexatidões
de palavras desfiguradas, descabidas,
deficientes de som e significado.
Ora, dá-me uma canja Indiática
com gosto dravidiano, e deixa-me em paz
com esse ukulelê das canas do Havaí e Madeira.
Chama-me ao silêncio
do luminífero éter,
estado de pura presença,
o nadir neural, hiperespaço

Onde não há linguagem
que represente qualquer
forma de sofrência.

Algo do ar

Essa água do mar tão quente,
sobe às alturas
pra descer seu ofurô,
e dar coça
nas costas de tanta gente.
Essa água do mar,
pulcritude
outrora
transparente,
vestia saíote anágua
para guardar sua safira
de qualquer ebuliência.
Essa água do mar
a ferver como um bule
para um chá bem quente
Anunciado por tropel
de ventos em rajadas
de adagas, que sai da frente!

Ilha de nuvens

Elegia ao poeta Almeida Firmino, 1934-1977

Pacífica,
a cachalote
boia nas águas açorianas
coberta por um parassol
de ilhas de nuvens caiadas
que degolam a cabeça do Pico.
Pois que não estavam
a viver bem
a cachalote com os botes.
Feito o desespero dum
Poeta que chega à pensão
das docas só com sua mala
por ter sido
mandado embora,
por dar cabo a tudo,
desarrume de casa,
partir de vasos.
Do nada,
teve aquele pico
de sopro de baleia.
No cais, ancorado
um armazém com par
de chaminés de pedras apita
ao pátio de desmanchos.

A lição do tempo

Ode às Cagarras das Ilhas Portuguesas

Na lida pelos confins do mar, as aves da procela com feições e gestos nobres,
prontas para o tranco das encruzilhadas do ar, para pairar onde converge o ar,
no olho da tempestade. Onde cessa o vento e o céu é limpo. Calma igual dum Samadhi.
Esse olho de ciclone, feito um círculo Ensō, é um olho bem apertado
visto por robóticos seres como ponta de alfinete, mas na verdade tem um cento de milhas
envoltos de rodopios em bandas de tempestade, vagalhões e trovoadas chibateando com
lambadas cintilantes por toda parte.

As aves da procela, juradas e nascidas em cima do mais escuro enleio, noite de furtivas, lívidas
estrelas. Por seu destemor a estes ventos truculentos, por serem amantes de buscar seu centro, acaso
tem alma de marinheiros devassos ou devadatas?

De onde vem esse seu voo Luso, calmo e longo sobre o mar a deslizar à plumadas?
Mas, chega o dia, cada dia mais raro ainda, em que as aves da procela vêm em jangadas às costas,
nos regos das rochas em noite apartada de luar, seus pedregosos pagodes, suas covas ululam
estardalhaços, espalhafatosas doses de aleluias!

Ao lume do dia exaustas do baluarte e folganças, se entregam aos duros ninhos nas serenas alcovas.
As aves da procela no céu do mar, seguem os astrolábios da grei, asas de dobradiças feito remos, e
outras como duplas soltas velas.

Acostumadas aos sinais de más nuvens, com seus escuros, baixos capelos.
Nuvens de pás viradas não tiram seu capelo pela força dum pé de vento, nem pela força
dum outono acalento.

Aves da procela sem saber nomes de barcas ou canoas se acolhem em busca
de refugos e nas carrancas das proas, onde os homens que marciam
contam lendas de santos mouros boiando sobre peixes grandes
que chegaram às terras novas à caça de Jonáticas baleias.

Aves da procela por conhecerem o olho do ciclone, podem violar
a ideia do espaço,

Aves da procela, têm no coração, compasso e mastro
como um navio, tem sua agulha e lastro.

Aves da procela, nada as arranca do destino de ascender
para transformar o mortiço tempo, essa hora enervada à contenda.

Eia, pois a seguir essa viagem pela Grande Noite Escura que vela a certeza entre ficar e partir,
Aves da procela que aprendem a partir sem deixar rastros provando ao coração
a dádiva de controlar seu vento, esse coração sem dúvida pode largar os ossos dentro do claustro de
seu próprio tempo.

Matriarca

Santinha viera pequenina da Ilha da Madeira.
Chegara à Bahia em meio a fretes,
sortimentos de gentes,
numa veleira barca de carreiras.
O nome legítimo,
seu nome corria o mundo,
um trem de aliança entre pais e colaterais,
arcanjos e imagem do divino.
Maria Francisca Marta Josefina
Antonia Graça Isabel Vitória Joaquina
Miguela Gabriela Rafaela do Espírito
Santo de Andrade Oliveira.
Dona de cismas sobre o fim dos tempos
como se vivesse numa casa em chamas
alimentada pelo vento.
“Ai meu Jesus, Maria José
minha alma vossa é!” — assim
retomava a seu alento.
Preocupada com o coração,
seus desencaminhamentos
que pesam sobre o espírito,
rodas de vidas em tormentas.
Mulher de feição mouro-hirsuta
miúda e meiga,
voz fina cantada como música ladina
nariz esculpido retilíneo,
cabelo preto liso e longo
carapito preso
num grampo de osso de baleia.
Olhar possuído
de uma atenção sem lapso
palpável como as contas de azeitonas
de meu turco rosário.
Crucifixo ao trancelim
no aparador do peito,
mania de querer se apagar
em trajes simples e pretos.
Santinha jamais trouxe à baila,
para o bem ou mal do mundo,
causos de jorros de vulcões,
queimando num maremotear.
Tudo que perdeu, tudo que achou
Ela deu aos pássaros náuticos
dos navios que foram ao mar.

Bem haja

Olhos
De contas de lótus,
encanto que arrebenta os trompetes lilases
e realça o junho de Lisboa.
Bem sabes,
olhos de lótus!
Esse lilás do jacarandá brasileiro
que te cobre em copas,
com teus bis- bisavós
chegou e partiu em naus,
entre bons e maus.
Sementes que vieram
de rogo, fogo e rendas
do bilro de Itabaiana.
Do amargo da cana de Tarumã.
Da rua Padre Paulo e seu cheiro
de café moído na hora do Angelus.
Vieram das brumas do Itapeti
Que caem como um rosário
de sementes de lágrimas de Nossa Senhora
sobre o meu peito e memória.
Martina,
Sê bem-vinda!

Das joias portuguesas

Baleinha,
um alfinete no peito,
do peso dum
medalhão derretido.
Uma presilha d'ombro
nas espáduas
dum mar de retalhos,
ali boia um baleião.
Eia, sol, topázio-rei
Amarelo feito óleo.
A baleia pia
viaja à boleia
na extra d'água que cria
Viajante do dia,
frota de safira, in pera azul.
Viaja de noite
prateada lira
aos botes da lua.